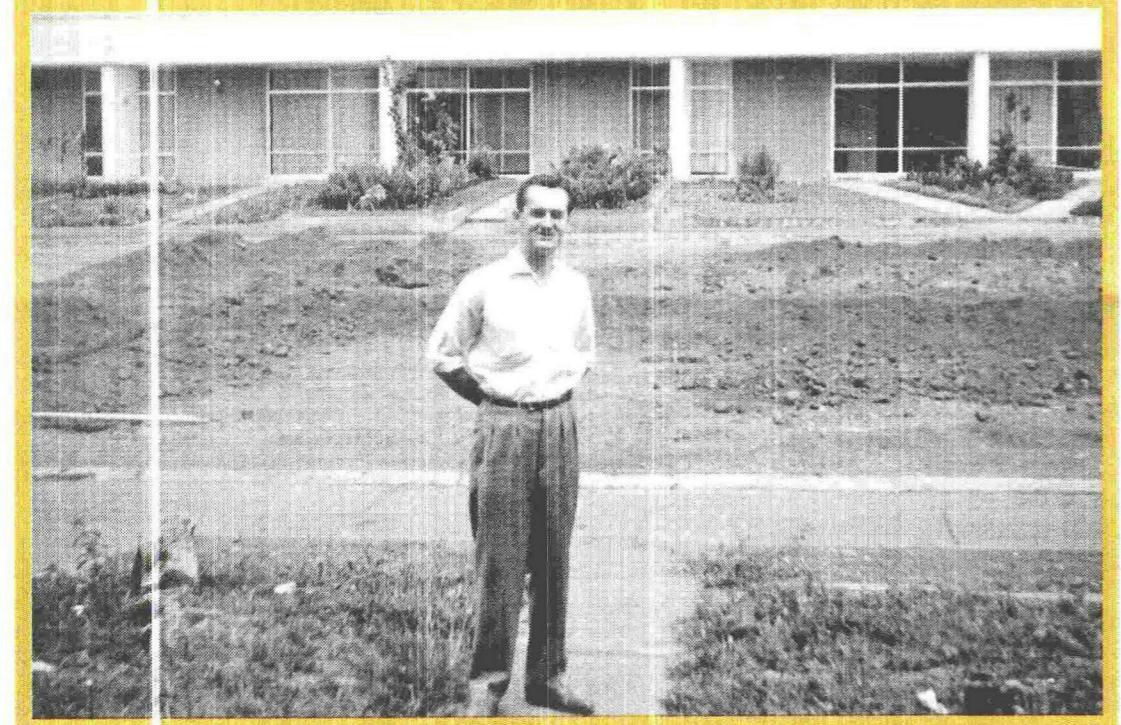


Geraldo Malvar

No cartório, o registro dos primeiros imóveis

Arquivo pessoal



STELA MÁRIS ZICA
ESPECIAL PARA O CORREIO

Até a mudança para Brasília, em agosto de 1960, o funcionário da Usiminas só ouvia falar da nova capital pelos jornais. Geraldo Malvar não imaginava que um dia viria morar por essas bandas. Bem empregado e com pouco tempo de casado seria um risco abandonar tudo para começar do zero, ainda mais longe de casa.

Mal sabia o mineiro de Tarumirim que a antiga amizade, dos tempos de cartório em Belo Horizonte, entre ele e seu xará Geraldo Prates, mudaria a sua vida. "Ele já vinha fazendo a minha cabeça há muito tempo para vir trabalhar em Brasília", conta. Um belo dia, o pioneiro chegou em casa e deparou com a passagem e algum dinheiro para a viagem em cima da mesa. O amigo se encontrava em Brasília há uns dois meses. "Ele me contava que a cidade oferecia muitas oportunidades de trabalho e um futuro promissor. A oferta era tentadora. Como eu já estava com acúulo na cabeça, procurei o diretor da Usiminas que deu um jeito de me dispensar em 48 horas", conta. Com a esposa foi mais tranquilo. "Ela concordou com a idéia e achou que futuramente poderia ser melhor". O mineiro não se arrependeu. "No início, foi uma aventura. Passamos por uma fase de

adaptação, mas foi tudo superado", conta. Com o coração partido, ele deixou a esposa Petronilha — migrante portuguesa — e os filhos Margarete e Geraldo, ainda pequenos, e seguiu viagem rumo a Brasília a bordo de um avião da Expresso Real. "Naquele tempo era difícil conseguir residência aqui, também por isso achei melhor deixar a família lá".

Assim como foi para muitos pioneiros, o ritmo alucinante de trabalho e o entusiasmo dos operários em torno das construções que se levantavam da terra inóspita também impressionaram Geraldo. As palavras do amigo eram mesmo verdadeiras. O futuro era aqui mesmo.

O cartório

Conforme havia prometido, assim que Geraldo chegou foi encaminhado ao primo do amigo — César Prates — proprietário do único cartório de registro de imóveis da região e que estava preso a ser inaugurado. A inaugura-

ção foi no dia 29 de agosto de 1960, mais precisamente onze dias após a chegada do pioneiro. Essa data ele nunca esquece. E não é para menos, naquele dia seu filho comemorava seu primeiro aniversário, lá em Belo Horizonte. "Como eu estava aqui envolvido com o trabalho e as viagens eram difíceis naquela época, não pude estar lá", lamenta. A cerimônia de instalação do cartório foi simples, sem muito auê, o que não impediu a presença de algumas socialites. "As moças ficaram um pouco constrangidas porque era uma comemoração simples e elas acabaram tomando um copo d'água e saindo porque não tinha nada".

O escrevente guarda boas lembranças de quando começou no

GERALDO EM
FRENTE ÀS CASAS
POPULARES DA
W3 SUL

cartório. Foi ele que praticou o primeiro ato de registro de imóvel do Distrito Federal. "Me lembro que naquela época era tudo feito à mão, o sistema era manual quando fizemos o primeiro registro da cidade. Foi do antigo Banco of London (Banco de Londres)", lembra. O Cartório de Registro de Imóveis funcionava na antiga quadra 17 da W3 Sul, atual 707 Sul. Tinha dois pavimentos. No primeiro piso ficava a loja e em cima a residência dos funcionários. O cartório nessa época tinha apenas três funcionários.

Os dez anos de experiência no tabelionato em Minas facilitaram a vida do pioneiro por aqui. Em pouco tempo ele subiu de cargo passando de escrevente a substituto. "Um dos funcionários do cartório, o substituto, ficou apenas três meses em Brasília. Ele voltou para a capital mineira porque não suportou a nostalgia", afirma. Pouco tempo depois, Geraldo Malvar já era oficial substituto do cartório. Apesar da promoção, a vida não era nada fácil para o pioneiro. Ele enfrentou um longo período de vacas magras. Geraldo não tinha salário fixo, ganhava por comissões. "Além disso, o cartório naquele ano tinha poucos registros por causa da desconfiança dos moradores e empresários que acreditavam no retorno da capital para o Rio de Janeiro. Só depois que Jânio

entrou é que houve uma procura grande pela compra e registro dos imóveis na cidade. A turma que ia sair tratou logo de assegurar os imóveis que ocupava com medo de perder", afirma. Segundo Geraldo, a vitória de Jânio provocou uma corrida ao cartório. Foi feito um acordo entre a Novacap — que tinha receio da volta dos funcionários para suas cidades — e a prefeitura de Brasília para a deliberação da venda dos imóveis para que os funcionários continuassem por aqui. "Aí o cartório passou a ter muito serviço", comemora. Para atender a demanda de trabalho, tiveram que ocupar até os quartos dos funcionários, no andar superior. Com isso, Geraldo e os colegas foram obrigados a mudar. "Cada um foi para um canto".

O aumento de trabalho significou melhores ganhos. Geraldo pôde finalmente buscar a família que ficou em Belo Horizonte. A nova residência dos Malvar foi na 410 Sul. No apartamento de dois quartos, ficaram por lá quatro anos. Tempo do qual o pioneiro guarda alguns episódios pitorescos. "Me lembro quando uma vez

de Jânio Quadros, Juscelino esteve por lá", recorda. "Ele dizia que não acreditava que pudesse voltar à Presidência em 1965", completa. Segundo o pioneiro, ele era um homem de muita visão e sempre preocupado com o futuro do país. "Ele tinha a convicção de que Jânio não iria completar o mandato e afirmava que qualquer presidente com menos de 50 anos não tinha habilidades suficientes para dar continuidade ao cargo. E acho que Jânio tinha uns 44 anos quando assumiu o governo". Foi dito e feito. Jânio governou apenas oito meses.

De acordo com Geraldo, as filhas de JK também costumavam visitar o cartório. A aproximação com JK permitiu ao pioneiro conhecer de perto as idéias e os planos do ex-presidente. "Ele não queria saber de reforma agrária, mas desejava promover o desenvolvimento no campo. Juscelino planejava instalar mil agrovilas para evitar o inchaço dos grandes centros", revela.

99

Com tantas lembranças e as grandes oportunidades de trabalho e estudo que o pioneiro encontrou por aqui — ele chegou com apenas o curso ginásial, e cursou a faculdade de Direito —, hoje o cidadão se sente realizado e confessa. "Quando vou a outras cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro ou Belo Horizonte, e vejo aqueles prédios enormes, sinto um certo esmagamento".



GERALDO COM A
FAMÍLIA QUE
CRESCEU COM A
CIDADE

Mesmo com as dificuldades dos primeiros anos da nova capital, o pioneiro manteve firme a decisão de crescer com a cidade que estava nascendo no Centro-Oeste

“
ME LEMBRO
QUANDO UMA VEZ
MINHA ESPOSA
CHEGOU DE UM
ANIVERSÁRIO JÁ À
NOITINHA E, DA
JANELA, A VI COM O
PÉ ATOLADO NO
BARRO. TINHA
MUITA LAMA NA
ÉPOCA DAS
CHUVAS. AS
CRIANÇAS TAMBÉM
SE SUJAVAM MUITO
”

Raio X

Nome:

Geraldo Malvar

Idade:

77 anos

Origem:

Tarumirim, Minas Gerais

Ano de chegada a

Brasília:

1960

Profissão:

Registrador aposentado

Espouse:

Petronilha Vieira Malvar

Filhos:

Margarete, Geraldo e Marcos

Netos:

Marcos, Ana Carolina,

Marina, Paula, Bárbara,

Gabriela e Geraldo